

A potência emancipatória do *amor camaradagem* em Alexandra Kollontai

Palavras-Chave: Feminismo, Marxismo, Amor

Autores/as:

Ana Luísa Silvestrini, IFCH, UNICAMP

Prof.^a Dr.^a Monique Hulshof (orientadora), IFCH, UNICAMP

INTRODUÇÃO:

Esta pesquisa teve por objetivo compreender de que maneiras o conceito de *amor camaradagem*, cunhado por Alexandra Kollontai (1872 – 1952), se relaciona com a crise da família burguesa, com a força de trabalho feminina e com a luta pela abolição da sociedade de classes, em outras palavras, com a construção de uma sociedade comunista. A análise de sua produção teórica é fundamental para a recuperação integral de seu legado na tradição marxista, em oposição à análise estritamente bibliográfica, como a de Beatrice Farnsworth, que parte do “temperamento, suas relações familiares e seu histórico/origem”¹ para entender sua obra e sua atuação política.

Partindo da questão da mulher na Rússia Revolucionária e na União Soviética pós-revolução, Kollontai toma o materialismo histórico-dialético como fio condutor a fim de fundar uma “nova moral” proletária, que garanta a emancipação da mulher trabalhadora. Em uma sociedade ordenada em função da propriedade privada, do acúmulo e da

concentração de riquezas, “a vantagem é a única reguladora das relações humanas” (Bebel, A. *Woman and Socialism*, 1910, p.316)². A noção de que a esfera privada também é determinada pela ordem social é essencial para a questão da mulher, na medida em que “Na família, o marido representa a burguesia e a esposa o proletariado” (Zetkin, 1896), isto é, o estado de “cidadã secundária” permanece no interior do lar. Desse modo, sem transformações no interior das relações familiares, sexuais, matrimoniais e de amizade, não seria possível uma sociedade verdadeiramente igualitária.

A reconstrução histórica das transformações produtivas e sociais tem ênfase nos laços estabelecidos em cada período. Nesse contexto, Kollontai apresenta o amor, ou Eros, como um fator social e psíquico, que ordena relações por meio de determinada moralidade. O sistema político e econômico, que a moral compõe, estabelece, por sua vez, a função ideológica do sentimento amoroso; nas pólis da Grécia antiga, o amor-amizade; nos feudos, o amor platônico; nas famílias burguesas, o amor-conjugal.

¹ Traduzido livremente de: “we need to understand her temperament, her family relationships, and her background” (Farnsworth, B., 1980 p. 3).

² Tradução livre feita a partir da versão inglesa: “Advantage is the only arbiter of human relations”.

Pensando, então, em relações que se opõem à centralidade da propriedade e da validação legal, como se dá no capitalismo e que, por isso, sejam capazes de manter a igualdade entre os pares, Kollontai propõe, no contexto da Revolução Russa, o *amor camaradagem*, cuja repercussão direta nas políticas públicas se dá na coletivização de trabalhos de cuidado e sua valorização enquanto trabalho socialmente produtivo.

METODOLOGIA:

A metodologia utilizada compreende a leitura, fichamento, análise e reconstrução argumentativa dos textos indicados na bibliografia, com atenção ao conceito de *amor*, identificado na obra de Kollontai, a partir de uma abordagem filosófica e sistemática. Além disso, foi necessário mapear a obra da autora, de maneira temporal e em função do desenvolvimento teórico, tendo em vista a escassez de estudos amplos sobre sua produção.

Os artigos selecionados para esta pesquisa foram *Conferências sobre a libertação das mulheres* [1918], *O casamento e o problema da família* [1920], *As relações entre os sexos e a luta de classes* [1911], *A nova mulher* [1913], *O amor e a nova moral* [1911], *Abram alas ao Eros alado: uma carta à juventude operária!* [1923] e *O amor camaradagem* [1921], de Alexandra Kollontai, nas coletâneas *A revolução sexual e o socialismo* e *A revolução socialista e as mulheres* (2021). O mapeamento teórico da obra da autora foi ancorado nos comentários de Barbara Clements *Bolshevik Feminist* (1979), de Beatrice Farnsworth *Aleksandra Kollontai: Socialism, Feminism, and the Bolshevik Revolution*. (1980) e na autobiografia de Kollontai *Autobiografia de uma*

Mulher Comunista Sexualmente Emancipada (1926). Também foram recuperadas as fontes históricas da autora: August Bebel *Woman and Socialism* 1910 e Friedrich Engels *Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado* (1884).

A mesma seriedade que Kollontai despendia em suas produções foi replicada na recuperação de suas contribuições teóricas, esmaecidas por um longo tempo em função de uma aparente unidade comunista e de uma epistemologia patriarcal.

DISCUSSÃO:

No livro *A Origem da Família, da Propriedade e do Estado* (1987), Engels descreve as relações familiares em função do modo de produção, desde antes do advento da escrita até o seu tempo, demonstrando que há uma relação estreita entre o projeto econômico e o social de uma sociedade. Para além disso, revela que a família nuclear, do jeito que a conhecemos, é algo totalmente novo, que pode – e deve - ser alterada. Esse mapeamento histórico-dialético é apropriado enquanto metodologia por Bebel em *A Mulher e o Socialismo* (1910), no qual expande a análise material, que se volta para a *questão da mulher*, tanto na história, quanto no seu tempo. Kollontai, por sua vez, se apropria do trabalho de ambos os autores e, para além deles, evidencia as regras que regulam não somente as relações sexuais, como também os sentimentos amorosos conforme a sociedade.³ Percebe-se que a família burguesa já está em vias de transformação, algo que ela identifica como a *crise da família*.

“Toda classe ascendente, nascida como consequência de uma cultura material distinta daquela que a antecedeu no grau anterior da evolução econômica,

³ Kollontai, A. *Abram alas para o Eros alado! Uma carta à juventude operária*, 1923.

enriquece toda a humanidade com uma nova ideologia que lhe é característica. [...] O código da moral sexual constitui parte integrante da nova ideologia.”. (Kollontai, A. As relações entre os sexos e a luta de classes, 1911)

No capitalismo industrial, o casamento compulsoriamente monogâmico e indissolúvel perante a lei estabelece a família enquanto unidade econômica. A necessidade de sustento da família em meio à produção cada vez mais massificada retira a mulher de sua clausura domiciliar para colocá-la em outra; as fábricas. Entretanto, as questões associadas ao cuidado, como o trabalho doméstico e a maternidade, se mantêm privadas e associadas às esposas. Se os trabalhadores sofrem com a opressão no ambiente de trabalho, no caso da mulher, os problemas se multiplicam, pois isso se estende também para o ambiente familiar.

A revolta daquelas e daqueles submetidos à exploração, às longas e insalubres jornadas de trabalho e à pobreza é podada por mecanismos culturais sofisticados que dificultam o reconhecimento da verdadeira natureza de sua condição de existência. O ideal de amor, nesse contexto, garante que a liberdade seja preterida ao laço conjugal. Isto, porque esse Eros sem asas é permeado por três fatores fundamentais: o individualismo extremo, a ideia de propriedade e a desigualdade dos sexos,⁴ característicos da ideologia burguesa. Estabelece-se, a partir deles, uma “*moral dúbia*”, pela qual a crise da família se estende a uma *crise sexual*, já que o matrimônio indissolúvel vela a prostituição. Logo, entende-se que o rompimento com a sociedade de classes estabelece uma relação simbiótica com a “questão da mulher”, pois “a

libertação da mulher só poderá ocorrer como resultado da vitória de uma nova ordem social e um sistema econômico diferente”,⁵ o que ultrapassa esferas jurídicas e materiais, uma vez que também é preciso conceber uma nova forma de se relacionar.

Nesse sentido, a construção de uma nova sociedade, exige, também, a reformulação do sentimento amoroso. A escolha do amor como elemento psíquico por trás das transformações sociais é compreendida na obra de Kollontai, na medida em que a autora se debruça sobre as relações sociais afetivas como formas essenciais de organização política. Ela adapta a teoria psicológica de Meisel-Heiss⁶ para o contexto político e econômico, no qual o amor-jogo se transforma no *amor-camaradagem*.

Kollontai entende que, somente com um “*potencial amoroso*” bem desenvolvido, a coletividade pode tomar o lugar do indivíduo, de forma que assuntos privados passem a ser responsabilidade do todo. O ideal operário de amor deve se basear na solidariedade e na liberdade: “A ideologia da classe operária não pode estabelecer limites ao amor” (Kollontai, A. *Abram alas para o Eros Alado! Carta à juventude operária*, 1923, p. 1923), isto é, o amor não deve ser condicionado pela classe operária, apenas canalizado para seus interesses, tendo em vista que a potência do Eros Alado reside justamente em suas múltiplas facetas: O profundo sentimento de simpatia que, de sorte, permeará a humanidade no socialismo é elaborado pelo *amor-camaradagem*:

“paixão, amizade, de ternura materna, de inclinação amorosa, de comunidade de espírito, de

⁴ Kollontai, A., *As relações entre os sexos e a luta de classes, 1911*, p.181

⁵ Kollontai, A. *Autobiografia de uma mulher sexualmente emancipada*, 1926

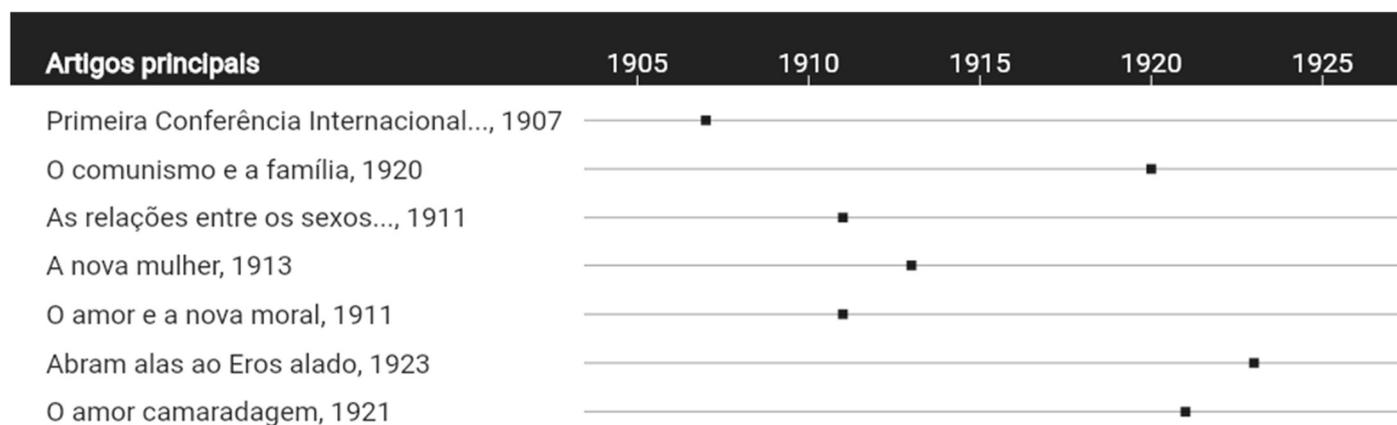
⁶ MEISEL-HESS, G. *The sexual crisis: a critique of our sex life*, 1917

piedade, de admiração, de hábitos e muitas outras variações[...]” (Kollontai, O amor camaradagem, 1918).

Se o ideal de amor burguês se erige sobre aqueles três “fatores típicos da psicologia contemporânea”⁷, os princípios-base do amor numa sociedade comunista devem se opor a esses de maneira eficiente. Assim, entende-se que o novo ideal de amor deve ser constituído primeiro pela igualdade recíproca entre os envolvidos na união, eliminando a condição de submissão da mulher em relação ao homem; segundo pelo reconhecimento constante das realizações e necessidades do outro, que exige respeito e consideração; terceiro pela solicitude, atribuída pelo patriarcado exclusivamente às mulheres, na forma de compreensão e colaboração. Organizar a sociedade por meio de um amor com esses princípios significa abolir a submissão entre pares, para que todos estejam comprometidos com a comunidade.

Essa nova moral se traduz, no que tange a questão da mulher, portanto, na valorização de trabalhos de cuidado como trabalhos sociais, ou seja, realizados em benefício não só da família, como também da coletividade, de modo que os esforços exercidos pelas mulheres na privacidade do lar sejam

transferidos à esfera pública. Além de flexibilizar o conceito de família judicialmente, por meio de reivindicações como o direito igual de divórcio e o fim das descendências ilegítimas, reitera-se que a criação de creches, lavanderias e restaurantes comunitários permitem a verdadeira participação política das mulheres, garantindo sempre sua presença de em espaços de disputa.



Linha do tempo dos artigos selecionados organizados por data de publicação.
(Clements, B. *Feminist Bolshevik*, p. 317-331, 1979)

⁷KOLLONTAI, A. *A relações entre os sexos e a luta de classes*, 1911, p.177

BIBLIOGRAFIA

- BEBEL, A.** *Woman and Socialism*. Tradução de Meta L. Stern (Hebe). 50ª edição. ed. New York: Socialist Literature Company, 1910.
- BONNET, A., PRATES, M., MOREIRA, R.** (org.). *Kollontai e a revolução: escritos sobre amor e luta*. São Paulo: Expressão Popular, 2023.
- CLEMENTS, B. E.** *Bolshevik Feminist*. Bloomington: Indiana University Press, 1979.
- EDMONDSON, L.** *Russian Feminists, and the First All-Russian Congress of Women*. *Russian History*, vol. 3, no. 2, 1976, p. 123–49.
- ENGELS, F.** *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*. Tradução de Leandro Konder. 11ª edição. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1987 [1884].
- FARNSWORTH, B.** *Aleksandra Kollontai: Socialism, Feminism, and the Bolshevik Revolution*. Stanford: Stanford University Press, 1980.
- GOLDMAN, W.** *Mulher, Estado e revolução: política da família soviética e da vida social entre 1917 e 1936*. São Paulo: Boitempo Editorial, 2014.
- GRABOWSKA, M.** *Stop Writing Communist Women Out of History*. Poland: Jacobin, 2020.
- KOLLONTAI, A** *A Revolução Socialista e as Mulheres*. Tradução de Maitê Peixoto. 1ª edição. ed. São Paulo: Lavrapalavra, v. 1, 2021.
- _____. *A Revolução Sexual e o Socialismo*. Tradução de Maitê Peixoto. 1ª edição. ed. São Paulo: Lavrapalavra, v. 2, 2021.
- _____. *Autobiografia de uma Mulher Comunista Sexualmente Emancipada*. Tradução de Lígia Gomes. 1ª edição. ed. São Paulo: Sundermann, 2007
- _____. *Os primeiros passos para a proteção da maternidade*. Tradução de Talita Guglak. Progress Publishers, 1984.
- LENIN, Vladimir.** *O Socialismo e a Emancipação da Mulher*. Rio de Janeiro: Kollontai e a revolução. Editorial Vitória, 1956. 7
- MAIA S. D.** *A Luta contra a Opressão da Mulher em Alexandra Kollontai*. *Trabalho Necessário*, 19, jan-abr 2021.
- MOREIRA, R., BONNET, A. AMARAL., M.** *A Nova Mulher em Kollontai e a superação do capitalismo* Niterói, RJ 2023
- MEISEL-HESS, G.** *The sexual crisis: a critique of our sex life*, 1917.
- NOVIKOVA, N., GHODSEE, K.** *Alexandra Kollontai (1872–1952): Communism as the Only Way Toward Women’s Liberation*. F. de Haan (ed.), *The Palgrave Handbook of Communist Women Activists around the World*, Palgrave 2023. p. 59-95.
- PÉRES, M. L.**, “Somente em conjunto com a mulher proletária o socialismo será vitorioso”: gênero e trabalho no projeto socialista de emancipação da mulher trabalhadora, Florianópolis, SC, 2022
- PORTER, C.** *Alexandra Kollontai: A biography*. Chicago: Haymarket Books, 2014 [1980].
- ZETKIN, C.** *Apenas junto com as mulheres proletárias o socialismo será vitorioso*, Tradução de Mayra Garcia da Silva, Movimento de Mulheres Olga Benário, Belo Horizonte 2012 [1896].